

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

Dossiê Biografia e História do Trabalho (II)

Organização

Benito Schmidt (UFRGS) e Aldrin Castellucci (UNEB)



Apoio logístico
UFSC

Julho/Dezembro 2016
Volume 8 - Número 16

Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação
em História, Cultura e Práticas
Sociais – UNEB

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO DO NÚMERO Benito Bisso Schmidt e Aldrin Castellucci

EDITORES DO NÚMERO Aldrin Castellucci e David Lacerda

REVISÃO DE TEXTO 2Designers

PROJETO GRÁFICO Virgínia Loureiro

DIAGRAMAÇÃO 2Designers

COLABORARAM COM ESTE NÚMERO Clarice Speranza (UFPel), César Augusto Bubolz Queirós (UFAM), Deivison Amaral (Pós-Doutorando/FGV-CPDOC), Gabriela Sampaio (UFBA), Iacy Maia (UFBA), Isabel Bilhão (UNISINOS), Larissa Corrêa (PUC-Rio), Marcos Del Rio (UNESP), Nauber Gavski da Silva (Pós-Doutorando/UNICAMP), Vinícius de Rezende (UFBA), Tiago Bernardon de Oliveira (UFPB).

Créditos da capa: Intervenção gráfica e digital sobre fotos que se encontram nos autos de processos trabalhistas das décadas de 40 e 50 das cidades de Pelotas e Rio Grande. Projeto Janela da Memória (2006), de Kátia Kneipp (Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul).

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”

(<http://gtmundosdotrabalho.org/>)

Coordenação Nacional

César Augusto Bubolz Queirós

Coordenações Estaduais

Amapá

Adalberto Paz

Amazonas

Davi Avelino Leal

Gláucia de Almeida Campos

Bahia

Vinícius de Rezende

Mato Grosso do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Paraná

Antônio de Pádua Bosi

Rio de Janeiro

Paulo Terra

Heliene Nagasava

Rio Grande do Sul

Micaele Scheer

Fernando Cauduro Pureza

Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

São Paulo

Dainis Karepovs



Apoio logístico
Programa de Pós-graduação
em História da UFSC

Julho/Dezembro 2016
Volume 8 - Número 16



Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação em História,
Cultura e Práticas Sociais - UNEB

EQUIPE EDITORIAL

EDITORES

Adalberto Paz

Universidade Federal do Amapá, Brasil

Aldrin Castellucci

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

David Lacerda

Lara de Castro

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Laura Candian Fraccaro

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Nauber Gavski da Silva

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Fortes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Luigi Negro

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Barbara Weinstein

New York University, Estados Unidos da América do Norte

Beatriz Ana Loner

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Beatriz Mamigonian

Universidade Federal de Santa Catarina

Claudio Henrique de Moraes Batalha

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Dick Geary

Nottingham University, Reino Unido

Flavio dos Santos Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Henrique Espada Lima

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

John D. French

Duke University, Estados Unidos da América do Norte

José Ricardo G. P. Ramalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

José Sérgio Leite Lopes

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Juan Suriano

Marcel Van Der Linden

International Institute of Social History, Holanda

Marcelo Badaró Mattos

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Marco Aurélio Santana

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Célia P. M. Paoli

Universidade de São Paulo, Brasil

Michael McDonald Hall

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Michel Ralle

Université Paris-Sorbonne, França

Mirta Zaida Lobato

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Norberto Osvaldo Ferreras

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prabhu Mohapatra

University of Delhi

Sidney Chalhoub

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

GERENTE

Henrique Espada Lima

A título de apresentação: biografia e história do trabalho

Aldrin Castellucci*

Benito Schmidt**

*Havia um mistério nesse homem, um mistério que ele quisera penetrar.
Mas no fim havia apenas o mistério da pobreza, que torna os seres
sem nome e sem passado, que os faz entrar para a imensa mistura
desordenada dos mortos sem nome que fizeram o mundo desfazendo-se
para sempre.*
Albert Camus¹

5

O presente número da *Revista Mundos do Trabalho* traz a segunda parte do dossiê *Biografia e História do Trabalho*, oferecendo aos seus leitores mais quatro artigos específicos sobre essa temática. Somados aos seis textos da primeira parte do dossiê, publicada no número anterior, temos um total de dez artigos que reconstituem os percursos dos mais diversos personagens, com atuação em períodos distintos e em diferentes cidades, estados, regiões e países. Os biografados também são muito variados em termos de pertencimento de classe, grupo social, gênero, cor, etnia, nacionalidade, geração, valores e visões de mundo. Em todos os casos, o ponto de confluência é a relação que eles tiveram, em níveis e graus desiguais, com os mundos do trabalho e com as variadas ideias e formas de organização, resistência e protesto social envolvendo os trabalhadores da cidade e do campo. As pesquisas também são marcadas pela diversidade em termos de escolhas teórico-metodológicas dentro do amplo campo de possibilidades existente na área da biografia histórica em nossos dias, o que pode alimentar o debate sobre questões importantes, como a relação tensa entre indivíduo e sociedade, liberdade e constrangimento, representatividade e singularidade, história e memória.

Neste número, o dossiê é aberto com o artigo de Rodrigo de Azevedo Weimer sobre Manoel Inácio Marques Neto, camponês negro descendente de

* Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do curso de graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: acastellucci@uneb.br

** Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq. E-mail: bbissos@yahoo.com

¹ CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 170.

escravos, originário do atual município de Maquiné, estado do Rio Grande do Sul, que migrou da zona rural e se tornou trabalhador urbano nos anos 1950 em Porto Alegre. O artigo foi largamente baseado em fontes orais e analisa detidamente as memórias produzidas pelo personagem sobre sua trajetória e a de seus familiares, inserindo-as nos debates sobre o peso dos negros no processo de formação da classe trabalhadora.

Lucas Porto Marchesini Torres refaz os “percurso e percalços” de Antônio Prestes de Paula (1927-2004), militante que atuou no Partido Comunista do Brasil (PCB) na juventude, ingressou como sargento da Força Aérea Brasileira (FAB) em 1947, servindo primeiro em São Paulo e depois no Ceará. Prestes de Paula foi um dos líderes do movimento dos sargentos ocorrido entre 1961-1963 em Brasília, quando acabou expulso da FAB e preso. Ainda no cárcere, após o golpe de 1964, foi um dos fundadores do Movimento de Ação Revolucionária (MAR), criado para enfrentar a ditadura (1964-1985). Em 1969, conseguiu fugir da prisão e se filiou ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), exilando-se no Chile e na França quando sua permanência no Brasil se tornou demasiadamente arriscada. Em 1980, ao retornar ao país, reatou seus vínculos com o PCBR ao mesmo tempo em que se filiava ao recém-fundado Partido dos Trabalhadores (PT), dualidade mantida até 1986, quando se envolveu em uma malsucedida tentativa de assalto a banco em Salvador, uma ação que o personagem declarou ser motivada pelo desejo de ajudar a Nicarágua sandinista.

Do comunismo passamos para a militância transnacional anarquista. Kauan Willian dos Santos explora a trajetória de Angelo Bandoni, imigrante de origem francesa, nascido em 1868, filho de italianos, que morou no Brasil após um período preso na Itália, tendo forte atuação libertária em São Paulo, entre 1900-1920, fase destacada na análise empreendida pelo autor. Na capital paulista, ele dirigiu o jornal *Germinal* (1902) e colaborou com os periódicos *La Battaglia* (1904), *La propaganda Libertaria* (1913), *Guerra Sociale* (1915) e *Alba Rossa* (1919), nos quais fez intensa propaganda do ideário ácrata de matriz contrária à participação operária nos sindicatos, antimilitarista e de denúncia das arbitrariedades dos industriais e proprietários rurais contra os trabalhadores. Em 1916, tomou parte na formação da Aliança Anarquista visando congregar militantes e esforços na luta contra a guerra, o direito de propriedade, o sistema político-eleitoral vigente e o capitalismo de modo geral.

A seção é fechada com o artigo de Cristiane Santos de Jesus sobre a trajetória transatlântica do africano liberto Lúcio José Maria de Souza em suas andanças por Salvador e Rio de Janeiro, no Brasil, e Lagos, na Nigéria, entre os anos 1871-1885. Lúcio Souza havia sido escravizado na Bahia, mas suas redes familiares e de compadrio se estendiam até a Corte imperial, onde residiam sua esposa e filho. A pesquisa analisa e contextualiza mais amplamente as dificuldades enfrentadas pelo personagem e por outros africanos libertos para transitar entre o Império do Brasil e a África.

Todos os artigos buscam, pois, parodiando (e contrastando) a epígrafe dessa apresentação, penetrar nos mistérios desses homens, os quais, mesmo pobres, têm nome e passado, e não se desfizeram na “imensa mistura desordenada dos mortos sem nome”, graças à pesquisa rigorosa e à arte narrativa dos/as autores/as.

A seção de artigos livres deste número é integrada por seis textos que versam sobre as mais diversas experiências de trabalho e de luta dos trabalhadores no Brasil e, novamente, na África. Nesse caso, o artigo de Dmitri van den Bersselaar desloca nosso olhar da Nigéria para Gana entre as décadas de 1950 e 1980, palco de greves

e intensas mobilizações operárias que se misturavam com as lutas anticoloniais, os movimentos nacionalistas e a disputa entre o Estado, as organizações dos trabalhadores e os patrões pelo controle sobre a gestão das empresas, a força de trabalho e a produção.

Os quatro artigos seguintes também tratam de manifestações organizadas de trabalhadores em diferentes recortes espaciais e temporais. Frederico Duarte Bartz examina a formação e o desenvolvimento da Liga de Defesa Popular de Porto Alegre, organismo criado em 1917 para coordenar a greve geral que foi deflagrada naquele ano, palco de conflitos e disputas entre militantes de diferentes orientações ideológicas pela hegemonia sobre o movimento operário da cidade e o controle de suas associações. Demian Bezerra de Melo, por seu turno, analisa o desenvolvimento e o significado da que foi a primeira greve nacional da classe trabalhadora brasileira (o movimento paralisou toda a região que compreendia o antigo estado da Guanabara, o estado do Rio de Janeiro, toda a Baixada Santista, o Porto de Paranaguá, o Rio Grande do Sul e grande parte das capitais nordestinas), deflagrada em julho de 1962, com o objetivo de apoiar o presidente João Goulart em sua luta travada com o Congresso Nacional, a fim de favorecê-lo na definição da composição do Conselho de Ministros Parlamentarista. Já Eduardo Oliveira Parente trata dos sujeitos envolvidos em uma revolta ocorrida na capital cearense no ano de 1925, quando a população trabalhadora da cidade se manifestou contra as medidas postas em prática pela companhia inglesa que explorava o serviço de transporte público: elevação das tarifas, criação de veículos de primeira e segunda classe, e alteração nos horários. O artigo aborda ainda as conexões entre esse episódio e o processo de crescimento urbano da cidade, o qual trazia uma série de problemas aos trabalhadores. Por fim, Mauro Luiz Barbosa Marques estuda a greve dos docentes da rede estadual ocorrida em 1985, no Rio Grande do Sul, desde sua preparação até seu desfecho, inserindo tal movimento no contexto mais amplo da chamada “Nova República” e enfocando as contradições entre a categoria docente e o Poder Executivo estadual, características do processo, além das formas de resistência, organização e deliberação cotidianas dos grevistas.

Desde outra perspectiva, Karine Teixeira Damasceno examina semelhanças e diferenças nas maneiras como mulheres pobres, trabalhadoras e negras de Feira de Santana buscaram resolver seus problemas diante da Justiça, evidenciando seus valores, lutas pela sobrevivência, formas de sociabilidade e solidariedade, assim como conflitos nos quais estiveram envolvidas.

Encerram o volume duas resenhas: a primeira é de autoria de Deivison Amaral sobre o livro de Felipe Ribeiro a respeito das lutas operárias dos tecelões de Santo Aleixo, subdistrito do município de Magé, no Rio de Janeiro, com foco na trajetória de Astério dos Santos (1919-1977), um dos principais líderes dos trabalhadores locais. A segunda foi escrita por Marcelo Mac Cord e combina a análise do livro de Arnold J. Meagher – *The coolie trade* – com uma pesquisa que o próprio Mac Cord tem empreendido sobre a presença de trabalhadores chineses no Brasil do século XIX.

Desejamos que os textos aqui publicados inspirem novas lutas no presente, diante de tantos ataques à democracia e aos direitos duramente conquistados por meio das lutas dos trabalhadores brasileiros (algumas delas estudadas nos artigos presentes neste volume...).

